

**o menino, o tambor e os mestres:
uma vida dedicada à percussão afro-baiana**

**the boy, the drum and the masters:
a lifetime dedicated to the afro-bahian percussion**

Wilson Santos de Jesus (Wilson Café)

Músico, cantor, compositor e percussionista baiano
Salvador – Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0202-0842>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14219018>

Resumo: Um autobiografia com o formato de testemunho pessoal para sustentar que a arte, quando aliada à educação, pode romper ciclos de exclusão e promover cidadania e dignidade às futuras gerações de jovens negros no Brasil. Um libelo de caráter histórico-político para a afirmação do valor dos mestres da música percussiva baiana na construção do patrimônio musical brasileiro.

Palavras-chave: (1) Música percussiva baiana; (2) Mestres do tambor; (3) Tambores; (4) Instrumentos de percussão; (5) Escola de Educação Percussiva Integral.

Abstract: An autobiography in the format of a personal testimony to support that art, when combined with education, can break cycles of exclusion and promote citizenship and dignity to future generations of young black people in Brazil. A historical-political statement to assert the value of Bahian percussive music masters in the construction of Brazilian musical heritage.

Keywords: (1) Bahian percussive music; (2) Drum's masters; (3) Drums; (4) Percussion instruments; (5) School of Integral Percussive Education.

Primeiros passos

Uma infância regada a festas populares e tradições musicais

Nome de batismo, *Wilson Santos de Jesus*, conhecido musicalmente como *Wilson Café*. Nasci no dia 6 de março de 1966 na cidade de Salvador, no Estado da Bahia na maternidade *Sagrada Família* no bairro do Bonfim, e fui criado no bairro do *Rio Vermelho*, ao lado de uma família de muito amor que muito me honra. Minha história de vida se resume entre a *Cidade Alta* e a *Cidade Baixa*, com uma infância e adolescência repleta de alegrias e muitas emoções.

O bairro do *Rio Vermelho* trouxe para o meu infinito particular o mar, com seus encantos e seus mistérios! Trouxe para mim amigos, que até hoje caminham e comungam através da minha arte uma grande amizade, trouxe lembranças das escolas como *Casinha Feliz*, *Medalha Milagrosa*, *Alfred Nobel*, *Colégio São José*, as praias do *Buracão* e *Amaralina*, com suas colônias de férias, os shows no *Circo Troca de Segredos*, *Associação Atlética da Bahia*, *Espanhol e Baiano de Tênis*, as baladas das matines da boates *Close-up* e *Boalamour*.

Foto 1 – O tambor como ferramenta de inclusão social.



Fonte: Acervo *Wilson Café* (Crédito Toni Freitas).

O *Rio Vermelho* é muito importante na minha vida, porque foi nesse bairro que comecei a dar os primeiros passos para ser um músico. O bairro do *Uruguai* trouxe para a minha vida uma alegria de viver, através da cultura popular. Ressalto, que se não fosse essa cultura popular e tradição, jamais eu seria hoje esse artista percussionista conhecido como *Wilson Café*.

Minha família é de um acervo musical muito grande, minhas avós *Jandira*, *Joana* e minha bisavó *Ricarda* ouviam e cantavam as músicas dos grandes cantores, cantoras e compositores da música popular brasileira. Minha avô *Jandira* gostava de *Dalva de Oliveira*, *Jamelão*, *Alcione*, *Beth Carvalho*, *Noite Ilustrada*, *Benito de Paula*, *Martinho da Vila*, *Eliana Pittman* e *Roberto Carlos*. Minha avó *Joana* gostava da música popular brasileira,

mas ela tinha uma paixão maior por *Nelson Gonçalves*, por incrível que pareça ela era apaixonada pelas composições de *Dorival Caymmi*, por causa do meu avô e da festa de *Yemanjá* no dia 2 de fevereiro.

Foi minha avó *Joana* que me levou pela primeira vez para conhecer a procissão marítima na jangada de seu *Valú*, pescador da *Colônia do Rio Vermelho*. Meu avô era pescador e não o conheci, pois quando cheguei nesse mundo ele já tinha falecido, porém o seu legado ficou presente no meu coração, devido aos contos na oralidade dos meus familiares da sua trajetória como homem do mar. Segundo meu pai meu avô tinha um barco e uma jangada. Esses eram os veículos que de sustento da casa, ele era apaixonado pela puxada de rede gostava de pescar, navegar e cantar, era um boêmio, ele tinha um respeito pelo mar e um encantamento muito grande. Em vida ele pediu ao meu pai: “quando os meus netos crescerem, não esqueçam de falar sobre minha trajetória, meu ofício!”.

Foto 2 – Festa Dois de Fevereiro na década de 1970.



Fonte: Acervo Salvador em fatos e fotos.

Minha avó *Joana* em memória herdou do meu avô como esposa, essa tradição e o respeito pelo mar levando-me e meu irmão *Wilton*, quando nós tínhamos sete e oito anos de idade, para conhecer a festa de *Yemanjá* no dia 2 de fevereiro. Na época lembro-me da procissão no mar com a tradição da imagem de *São Pedro da Igreja de Sant’Ana* com os pescadores da *Colônia do Rio Vermelho*, junto com os padres e as freiras do *Colégio Medalha Milagrosa*.

Era um ritual em forma de agradecimento pelo alimento de cada dia, lembro quando foi a primeira vez no ano de 1973, que minha avó nos levou para conhecer a tradição da entrega do presente. Quando eu digo nos levou,

me refiro a minha pessoa e meu irmão *Wilton*, ficávamos ansiosos não conhecíamos *Yemanjá*, só ouvíamos relatos dos contos, encantos da rainha das águas, mares e oceanos, todos diziam sobre o amor e o porquê da entrega de flores, presentes com os balaios enfeitados com alfazemas e água de cheiro. Quando chegamos no oceano ao som dos atabaques palmas e cantos do candomblé não imaginávamos tamanha surpresa. Vimos pela primeira vez a entrega dos presentes, na nossa imaginação *Yemanjá* iria aparecer saudar a todos e descer para o fundo do oceano com seus presentes, nas nossas mentes uma mulher com vestido azul com a estrela na testa, se transformaria em sereia. Quando estávamos brincando na cama, minha avó perguntava: “*meninos vocês ainda não dormiram?*” Ela vinha com os seus contos, falando sobre quem era o meu avô e, o seu legado como pescador.

Seu *Valú* alugou o barco do meu avô, passava o recurso para o meu pai e minha avó, respeitando a tradição do barco e da jangada, com o passar do tempo a jangada foi desaparecendo da procissão marítima. Era sagrado a nossa ida a festa, tinha a alvorada as quatro da manhã, o barracão todo enfeitado com palhas, folhas com o presente feito por um terreiro eleito pelos pescadores da *Colônia do Rio Vermelho*, todos os anos um terreiro ficava responsável a frente da obrigação religiosa. As *ialorixás*, *babalorixás*, *equedes* e os *ogãs* ao som dos *atabaques*, *agogô*, *xequerê* e palmas, saudavam milhares de fiéis, que chegavam cedo para levar suas flores, alfazemas e presentes.

Quando fomos levados para conhecer o mistério da rainha do mar, ficamos horas e horas um olhando para o outro, perguntava a meu irmão, “*cadê Iemanjá Wilton?*” Meu irmão dizia, “*calma Wilson já ela vai aparecer*”. Acabou o preceito da entrega da oferenda dos balaios e todos nós voltamos sem vê-la, e perguntamos a minha avó: “*cadê Yemanjá?*” Então ela disse: “*meus netos, Yemanjá somos todos nós, que entregamos nossas oferendas na água doce e na água salgada*”.

Hoje, como filósofo, eu vejo que isso era uma argumentação muito profunda para duas crianças de sete e oito anos. Com o passar dos anos observo o quanto ela tinha razão, quando dizia que *Yemanjá* somos todos nós, que levamos o amor e o carinho a rainha do mar, respeitando a natureza das águas. No dia dois de fevereiro o que me chamava atenção era o amor da minha família nesse dia festivo: minha mãe *Dona Deja* arrumava a casa para receber todos os parentes, lembro-me que todos compareciam para a deliciosa feijoada, era um dia “*prá lá de especial*”. Meu pai o *Wilson Guedes* cuidava da seleção musical, a trilha sonora era embalada ao som de *Benito de Paula*, *Beth Carvalho*, *Tincoãs* e *Les Aiglons*.

Com passar dos anos essa festa foi tomando novas dimensões, lembro-me dos meus amigos de infância e adolescência do bairro e também das escolas *Casinha Feliz*, *Medalha Milagrosa* dos colégios *São José* e *Alfred Nobel*. Uma saudosa lembrança que tenho como recordação foi o meu

primário na escola *Medalha Milagrosa*, uma época fantástica e muito importante para mim, me lembro também da importância da escola *Casinha Feliz*, *Colégio São José* e *Alfred Nobel*, esses colégios trazem valiosas recordações que permaneceram em boas e honrosas amizades até hoje.

Foi na *Escola Medalha Milagrosa* que vi pela primeira vez um concerto de piano da professora *Dadaça*, tocando o cancionário da música popular brasileira, lembro dela tocando e cantando *Ave Maria no Morro* do compositor *Herivelto Martins*. Fiquei tão impactado e sensibilizado com aquilo que resolvi participar das aulas de piano na capela, comecei a ter uma admiração pela Mãe de Jesus, que mais tarde me tornaria devoto de *Nossa Senhora de Fátima*. No início fiquei empolgado com as aulas de música, depois só queria jogar bola no pátio da escola, tinha um sonho quando criança de ser jogador de futebol do *Esporte Clube Bahia*, mais a música foi mais forte, porque no percurso ela apareceu não me deixou e tomou conta do meu ser.

No ano 1973, vi pela primeira vez os blocos de percussão da *Cidade Baixa*, o carnaval na *Rua Direta do Uruguai*, a valiosa época das batucadas estava ali e fiquei hipnotizado, não sabia o porquê, mas era algo muito forte e contagiante, ao ponto de sair correndo para acompanhar. Minha mãe, tias e avós corriam atrás de mim, seguravam meu braço, puxando minha orelha, colocando de castigo para não me perder no meio da multidão, lembro do palanque armado no fim de linha da *Rua Direta do Uruguai*, onde os blocos cordões, *afoxés* e batucadas desfilavam ao som das baterias com os seus mestres conduzindo o andamento com os ritmistas.

Cada uma possuía particularidades para dar o ritmo da festa, era impressionante, e quando pensava que aquela batida já estava familiar, vinha outro mestre regendo a sua batucada com a nova cadência! Para uma criança com dez anos de idade, minha percepção já estava começando a ser tomada pelo ritmo do tambor, a ancestralidade já estava presente, trazendo um passado com um novo futuro para o meu infinito particular, algo que mais tarde viria ser muito importante para minha vida! Era possível observar as alterações em cada formação que fazia parte da identidade com suas fantasias, coreografias, enredos e batucadas, era um carnaval de uma tamanha beleza. Quem viveu essa época sabe do que estou falando: as ruas do Centro da cidade decoradas com as alegorias do tema momesco.

Domingo e segunda-feira de carnaval, eu e minha família ficávamos no Uruguai, no tradicional carnaval de bairro e na terça-feira íamos para o *Campo Grande* assistir o desfile dos blocos, e minha avó *Jandira* saía com um grupo de pierrô. Essa senhora tem uma grande contribuição na minha vida, assim como minha avó *Joana*, ela era apaixonada por mim, eu era o neto que ela mais gostava, ela não escondia de ninguém!

Ela me ensinou tantas coisas que uma delas foi a fé, ela me levava para rezar aos domingos na Igreja dos Mares para ouvir o coral, ali eu ficava encantado com o coral negro que já existia naquela época, homens e

mulheres negras cantando louvores, com a formação da música *gospel* com terceiras vozes, sopranos, contraltos, barítonos, regidos por um maestro negro. A missa era composta por pessoas da comunidade da circunvizinhança do *Uruguai, Massaranduba, Ribeira, Calçada, Roma* e adjacências. Todas essas pessoas humildemente estavam ali, e eu ficava encantado com aquele coral! Elas não iam somente pela fé, estavam lá para verem e ouvirem vozes negras com arranjos fantásticos. Tinha um momento que as vozes pareciam um tambor, eles usavam como instrumentos de percussão acompanhado por um pianista. Lembro que depois da missa íamos no *Hospital Santo Antônio*, onde ela trabalhava como atendente de enfermagem, para ver se *Irmã Dulce (Santa Dulce)* estava precisando de algo, as duas conversavam horas e horas, tinham uma ligação muito forte.

Vale ressaltar que minha avó trabalhou com *Irmã Dulce* desde a época do galinheiro no ano de 1973. As festas natalinas no *Hospital Santo Antônio*, tinham uma alegria contagiante, eram bacanas! Minha avó fazia questão de levar seus netos para tomarem a bênção na época com *Irmã Dulce*. Não imaginava que um dia ela seria a primeira santa brasileira, ela tinha um olhar tão profundo, quando soube dos relatos dos seus milagres, tornei-me devoto de *Santa Dulce*, principalmente por tê-la conhecido muito garoto. Ela passava as mãos nas nossas cabeças, minha e dos meus primos e do meu irmão, dava carinhosamente um abraço tão caloroso com seu sorriso acolhedor. Os médicos e os funcionários do hospital gostavam muito da minha avó, ela tinha uma importância muito grande, aliás quem não gostava de *Dona Jandira*? Não lembro de ninguém maltratando a minha avó, não lembro de vê-la com queixas.

Na rua *Vinte e Cinco de Junho* nº 70, onde morava minha avó, morava era uma alegria, todos os moradores vizinhos tinham um laço afetivo com a minha avó. Sua *Trezena de Santo Antônio* era famosa, vinha gente de outras cidades para participar, minha família é originária do *Recôncavo Baiano*, mas especificamente das cidades de *Santo Amaro da Purificação* e *São Francisco do Conde*. Herdamos essa valiosa tradição no encerramento da *Trezena*: era uma festa maravilhosa! O altar ornamentado de flores, a cozinha repleta de doces salgados, canjica, bolo de Carimã e mingau de milho.

Uma lembrança especial que eu tenho, uma família vizinha da rua *Vinte e Cinco de Junho* que se tornou um grande elo entre nós, estou falando de *Dona Maria José, Valdeci, Valdicélia, Raimundo e Seu Pio*. *Seu Pio*, assim conhecido, era frequentador ilustre do *Afoxé Filhos de Gandhi*, ele acordava muito cedo no Domingo de Carnaval para arrumar sua fantasia, tinha um respeito pelas tradições africanas e brasileiras do candomblé. Para ele era um ritual sagrado desfilar no *Afoxé*! *Dona Maria José*, sua esposa, engomava e depois passava aquele lençol branco costurados nas laterais do corpo ele arrumava os colares e guias nas contas brancas de *Oxalá* e azul de *Ogum*, simbolizando os votos de paz.

Ninguém mexia no seu turbante, pois ele não deixava. Certa vez, ele me chamou atenção porque peguei no turbante: ali estava a força do seu *Orí*. Desde o momento em que você recebe a fantasia, até o momento que se veste, era algo muito sagrado. Então, eu cresci vendo esse respeito que permanecia desde a formação de 1949, com os estivadores, contava com muito orgulho quando saiu pela primeira vez no *Gandhi*. Considerava como meu tio-avô, seus cabelos brancos e barba brancas, demonstravam uma herança africana latente, tinha a postura de um rei africano, quem o via, dizia que ele era um ancestral, um orixá!

Eu tinha muito respeito por ele, tomava benção, o chamava de meu avô, e ele de meu neto.

**Foto 3 – Carnaval na Rua Direita do Uruguai, 1972
(Irmão, primos, mãe e tia).**



Fonte: Acervo Wilson Café

Mestre Pio foi o meu primeiro mestre, apresentou-me aos meus sete anos de idade, um tambor cilíndrico de 90cm, ligeiramente cônico, feito em madeira e aros de ferro, com uma das bocas coberta por um couro seco de bode.

Batizou as minhas mãos, abrindo o portal de ligação entre o céu e a terra, pedindo saúde, paz, prosperidade, colocando minhas mãos no centro do rum com a sonoridade grave ao toque do ijexá, explicando-me não só pelo seu tamanho, mas pelo que ele realiza por ser solista. Agradeço imensamente ao Mestre Pio, por ter me apresentado essa tradição dos atabaques “rum,” “rumpi” e “lê”. O rum, o maior de todos, possui o registro grave; o do meio, rumpi,

tem o registro médio, o lê, o menor possui o registro agudo (WILSON CAFÉ, *Depoimento*, 2024).

Algo reforçava em mim, algo estava por vir, não sabia que força era aquela que vibrava nas minhas mãos quando tocava o *rum*, e tão pouco o que seria do meu destino como um tocador de tambor, um futuro Mestre da Percussão. As sonoridades ficavam próximas, quando via o tapete branco passar no circuito do *Campo Grande*, assistindo da arquibancada juntamente com a minha mãe, tias e o meu tio *Adilson*, era algo ancestral. Dançávamos e cantávamos em uma contagiante alegria familiar, ao som do *Ijexá*.

Tio *Adilson*, irmão da minha mãe, foi o meu segundo mestre, ao apresentar alguns instrumentos de percussão. Através dele, em 1973, no seu bloco *Os Trouxas*, na *Rua Direta do Uruguai*, eu conheci o repique de um tambor pequeno com a sonoridade aguda, com peles em ambos os lados, tocado com uma baqueta em uma das mãos, enquanto a outra mão toca diretamente sobre a pele. Instrumento essencial para ajudar a marcar o tempo da música e perfeito para fazer solos. Lembro dele tocando repique e um *surdo*, instrumento de som grave, feito de madeira ou metal com peles de cabra ou boi de ambos os lados, de couro natural ou sintético, que serve para marcar o tempo da música, e o *reco-reco*, instrumento que consiste em uma caixa de metal com duas ou três molas de aço esticadas sobre o tampo, contra as quais é friccionada uma baqueta de metal.

Comecei a simpatizar com esses instrumentos e ver que todos eles faziam parte das batucadas dos blocos e cordões. Eu era apaixonado pela concepção rítmica do bloco, sua batucada me contagiava a ponto de eu querer tocar. Eu não tinha ainda um mestre que me ensinasse como, e por onde, começar a desenvolver os primeiros dons percussivos. Quando desfilava com minha família no bloco, ficava inquieto com a sonoridade da bateria e a vontade de tocar e de estar ali entre os ritmistas para mim era algo espetacular.

A alegria da família de minha mãe sempre foi contagiante, e eu gostaria muito de ter conhecido meu avô paterno *Antônio Alesbão*, quem deixou um grande legado. Um homem do *Culto Espírita*, que trabalhava no escritório central da *Leste*, e que era muito respeitado pelo seu ofício, pois tinha uma paixão enorme pelo trem como transporte ferroviário, como locomoção de cidade para cidade. A história do trem é muito importante na minha vida, porque além de estar sempre entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, a *Estação da Calçada (Leste)* me traz lembranças maravilhosas de quando eu andei de trem pela primeira vez.

Foto 4 – Wilson Café e seu Tio Adilson, presidente do bloco Os Trouxas.



Fonte: Toni Freitas, Carnaval 2023.

A viagem foi para ir para o sítio *São Cosme Damião* no *Parque Verde em Camaçari*. O sítio foi comprado pelo meu pai, junto com a minha mãe, e depois eles resolveram presentear essas terras a minha avó *Joana*, para envelhecer com uma boa qualidade de vida na natureza do campo, com ar puro e um bom plantio. Minha avó pediu aos meus pais que não queria morar lá sozinha, e sim com toda família, e que deixassem o sítio como herança familiar para os seus netos herdeiros *Wilton e Wilson*.

Ali começou uma linda história familiar, regada de muito amor pela natureza. Nos finais de semana, quando meu pai estava trabalhando, íamos de trem para o parque verde e nas férias escolar também. O trem saía da *Estação da Leste na Calçada*. Quando chegávamos na estação, os diretores vinham nos cumprimentar de forma honrosa e saudosa pelo legado do profissionalismo do meu avô. Foi aí que eu percebi que meu avô foi um homem de movimento, respeitado pela dedicação em vida pelo seu ofício.

A minha família é de uma espiritualidade muito grande, para um garoto de dez a onze anos de idade, vivenciando a cada capítulo novos conceitos, ritmos era algo surpreendente, e ao mesmo tempo assustador, porque eu não tinha noção da minha ancestralidade. Eu não sabia o que tinha herdado para o meu cotidiano, apesar do convívio da formação católica, minha mãe, juntamente com meu pai, no mês de setembro ofereceram o tradicional *Caruru de São Cosme e Damião e Crispim e Crispiniana*.

Eu cresci nessa religiosidade da fé, respeitando a tradição familiar, herdada dos nossos mais velhos. Ficava impressionado com as cantigas dos *Sete Meninos*, acompanhado pelas palmas que já contagiavam os meus ouvidos! Era tão importante, algo muito forte que eu chego a me emocionar quando penso sobre isso, porque eu comecei a perceber a minha coordenação rítmica, por causa da tradição do *Caruru de São Cosme e Damião*. Foi aí que eu comecei a tocar nas panelas da cozinha de minha mãe!

No sítio eu tocava nos baldes e nas mesas. Assim começava um novo despertar para a percussão, a sonoridade e os timbres já estavam no meu *habitat*. O samba me fez aprender os compassos e as divisões, porque a tradição do *Caruru dos Sete Meninos* finalizava com essas canções “*Vamos levantar no cruzeiro de Jesus, no céu, no céu, no céu da Santa Cruz*”, outra que eu amava tocar era “*São Cosme mandou fazer duas camisinhas azul, no dia da festa dele, São Cosme quer caruru*”. Esse *Samba de Caboclo*, essas pisadas junto com as palmas, corpo, movimento, canto, tradição, oralidade começavam a tomar conta de mim. Eu ficava impressionado com aquilo tudo porque, no meu imaginário, os meus ancestrais já estavam me dizendo:

— *Já estou lhe apresentando essas sonoridades esses timbres, que agora já estão no seu caminho, cuidado, sei que virão dificuldades, mais a sua fé levará você a caminhar em direção ao sucesso do tambor.*

Comecei a ficar confuso com as divisões dos instrumentos e suas sonoridades, que cada um desempenhava, por exemplo no *Samba de Caboclo*, *chulas* e *umbigadas*, tocávamos os *atabaques*, *pandeiros*, *agogô* e *reco-reco*. Nos ensaios do bloco *Os Trouxas* os instrumentos em destaques das batucadas eram *repique*, *tamborim*, *ganzá*, *surdos*, *cuíca* e *caixas*. Durante a minha trajetória esses instrumentos começaram a fazer parte dos meus aprendizados, a cada passo dado surgiam novas descobertas em relação aos ritmos e os tambores. Começava a ficar claro que para cada ritmo era imprescindível a execução de novos ou antigos instrumentos.

No ano de 1975, o meu compadre *Roque* saiu no *Cacique do Garcia*. Lembro dele todo fantasiado de azul e branco, vale ressaltar que foi pela primeira vez que eu vi o desfile do *Cacique*. Eu estava feliz da vida presenciando a cultura dos *Blocos de Índio* e a sonoridade contagiante da sua bateria! Sua fantasia era linda, o traje azul e branco contagiava todos na avenida, o carro alegórico decorado com as lindas índias animavam os seus foliões. Os cantores davam um *show* com os refrões, agitando a multidão que os acompanhava. Foi uma época de ouro, era lindo de se ver e apreciar o *Cacique* passar. Minha tia *Jacira*, sua esposa, o acompanhava, mas não podia desfilarmos dentro do bloco porque no bloco só desfilavam homens. Só era permitida a presença dos homens, e não das esposas, namoradas, etc.

Na terça-feira de carnaval tinha um grupo de parentes e amigos que desfilavam com mortalhas na avenida. Lembro-me que o grupo encontrou com minha mãe e minha avó na arquibancada do *Campo Grande*. Eles acenaram para a gente, pois já sabiam que a gente estava lá. Todos os anos ganhávamos ingressos do Sr. *Archimedes Silva*, irmão de minha madrinha. Ele era fundador da *Federação de Entidades Carnavalescas* e membro do *Conselho Municipal do Carnaval*, além de ter sido presidente de vários blocos e dirigente de inúmeras entidades que ajudou a criar. Onde houvesse carnaval, lá estava ele! Ele defendeu os pequenos *afoxés* e blocos da capital

e foi o maior incentivador da criação de associações culturais, objetivando manter vivas as tradições e raízes dos antigos carnavais.

Minha tia *Nalvinha* foi até a arquibancada e pediu permissão a minha mãe para eu dançar ao som do *Bloco do Jacu*, e disse:

— *Deixa eu dançar com Wilsinho?* Minha mãe disse: *Deixo, mas tome cuidado.* Minha tia me levou para conhecer o famoso *Bloco do Jacu*, que era o mais liberal dos anos 1970 entre aos blocos e cordões tradicionais da época. O *Jacu* não tinha cordas, sua mortalha azul tomava conta da avenida. Sua madrinha era a transformista *Divina Valéria*, que esbanjava charme no carro de abre alas! Fomos até o *Relógio de São Pedro* dançando, e eu pulava de alegria, pois nunca tinha visto de perto um bloco tão animado, originalmente com uma linda mortalha, um carro alegórico com uma sonoridade contagiante, sem cordas, os foliões em um astral maravilhoso: um bloco espetacular para sua época!

Foto 5 – Divina Valéria do Bloco do Jacu.



Fonte: Salvador em fatos e fotos

Waltinho Queiroz, poeta e compositor, animava os associados de forma brilhante, ninguém ficava parado, um bloco sem preconceito e sem cordas, que marcou a minha infância com boas lembranças. Nesse mesmo dia outro grande acontecimento marcou a minha vida: o grupo das minhas tias, com seus noivos, namorados e maridos, não imaginava que, naquele dia, quem estava vindo atrás do *Bloco do Jacu*, era o *Trio Elétrico de Dodo e Osmar*! Fui abraçado pelo grupo de parentes e amigos para não ser pisoteado. Se minha mãe soubesse disso, iria matar minha tia (risos)! Na verdade, eles estavam com medo de eu ser machucado com as cotoveladas, mas eu estava adorando aquilo tudo! Era aquele empurra-empurra, aquele *frisson*, ao som da canção “*Frevo do Trio Elétrico*”:

Abre alas minha gente, que o frevo vai passar / é o famoso trio de Dodô e Osmar / quando a rua sai / alegria é geral / é quem mais anima nosso carnaval / pula gente bem / pula pau arara / pula até criança / e velho babaquara / o frevo da Bahia / alegria nos dá / com o trio elétrico de Dodô e Osmar.

Eu estava adorando aquele empurra-empurra, não parava de olhar para cima do trio para ver o som da guitarra elétrica de *Armandinho*. Um certo momento, eu vejo *Ary Dias*. Fiquei impactado! Foi a primeira vez que eu vi um percussionista multi-instrumentista, com uma concepção rítmica fantástica. Aquilo que estava presenciando era inovador, ele estava conduzindo a banda com vários andamentos, tocando bateria e percussão, ao mesmo tempo com sorriso largo, distribuindo simpatia com seu jeito tribal de tocar. Eu fiquei encantado com aquilo tudo, chamou minha atenção os instrumentos escolhidos por ele na época eram as *caixas, pratos, bumbo, tom-tom, congas e bongô!*

Essa formação mexeu com a minha cabeça, e um certo dia, eu peguei os baldes, bacias, latas, cabo de vassoura e tampas de panelas, montei uma bateria de sucata, ficava escutando os *LP's* do trio e acompanhando, descobrindo uma nova forma de tocar. Foi aí que surgiu minha "*Sucatasonora*"! Batizei com esse nome minha primeira bateria, com materiais recicláveis. Já que eu não tinha uma bateria profissional em casa, resolvi montar, descobrindo minha criatividade. Nunca imaginei na minha vida que um dia *Armandinho* e eu seríamos amigos, pois ele é o meu grande mestre, o meu ídolo. Na minha opinião, ele é o *Papa da percussão baiana*, depois de *Nelson Maleiro!* Voltei com aquela cena na minha cabeça.

No ano de 1976, no sítio dos meus pais, meu tio *Adilson* me viu tocando e disse: "*Wilsinho você tem ritmo. Parabéns!*" Confesso que nesse momento eu fiquei muito feliz, comecei a estudar sozinho os instrumentos das batucadas que meu tio levava para o sítio *Cosme Damião* por causa dos encontros familiares nas datas festivas, que ocorriam durante o ano. As festas eram nas datas comemorativas do *São João* e *Natal*. No *São João* comemorávamos com o *Samba Junino*, essa tradição familiar começava com a *Trezena de Santo Antônio* na casa da minha avó *Jandira* no bairro do *Uruguai*, e seguia pelos festejos juninos no sítio *Cosme e Damião*, no bairro *Parque Verde em Camaçari*. Saímos tocando pelas ruas, parando em casa em casa, dizendo: "*São João passou por aí?*" Os donos da casa respondiam: "*Não, pode entrar!*" Então nos cantávamos: "*Oh dona da casa ou nossa senhora, dá o que beber, senão eu vou embora*". Nesses encontros, eu aproveitava para tocar o *surdo, timbau, tamborim, pandeiro e reco-reco*.

O *Samba Junino* chegou a minha vida pelos mais velhos da árvore genealógica. Nas conversas eu ouvia relatos, expressão cultural marcada pela rítmica do *Samba Duro*, disseminada há pelo menos 40 anos em diversos bairros de Salvador como: *Engenho Velho de Brotas, Garcia, Uruguai, Liberdade, Plataforma, Nordeste de Amaralina* e outros. Muito tímido,

aprendendo de ouvido e vendo meu primo *Carlinhos* tocar o *timbal*. Esse é um tambor brasileiro, inspirado em influências africanas, feito de metal com peles de náilon. Despertou-me o jeito como ele tocava, e com o passar do tempo fui adquirindo novas levadas. Eu não conhecia esse instrumento, ele chegou pelas mãos do meu primo, que usava nas rodas de samba. Por ser inovador, comecei a estudar e descobrir as sonoridades aguda, médio e grave.

Com o passar dos anos, o sítio cresceu e eu já estava na minha adolescência, completamente apaixonado pelo tambor e pela *Black Music*! Tinham duas varandas: uma era a varanda dos jovens, que era frequentado pelos meus primos, primas e a comunidade do *Parque Verde de Camaçari*, e a outra que era da Velha Guarda, os mais velhos com a tradição do samba e cultura popular. A varanda que ficava com jovens, era a varanda que tinha a “Taterka”, uma vitrola que meu pai presenteou a mim e ao meu irmão, e esse toca-discos fazia o maior sucesso.

Meu pai era petroleiro, ganhava muito bem na época. Ele foi um pai maravilhoso, muito batalhador, que aos 84 anos (2024), de um AVC hemorrágico, e nos deu uma educação honrosa! Nunca faltou nas nossas vidas alimento, moradia e educação! Ele passou muita dificuldade, sendo filho único. Quando o meu avô faleceu, minha avó passou a ser governanta de uma família que residia no *Bairro da Barra*, próximo ao clube *Palmeira da Barra*. Esse casal não tinha filhos, então eles adotaram meu pai, dando-lhe uma boa criação. Aos dezesseis anos meu pai se tornou escoteiro, a família que o adotou como filho afetivo tinha um convênio com *Colégio Marista*, colocando meu pai para estudar ali. Meu pai era um homem negro que estava estudando no Marista, sofreu muito preconceito por ser um negro pobre estudando em colégio de rico! Mas ele “tirou de letra” e conquistou grandes amigos, meu padrinho Joel por exemplo., foi o grande incentivador para meu pai entrar na Petrobras como *office-boy*. Meu pai começou a estudar, fez um curso técnico na *Escola Técnica*, formando-se eletromecânica.

Minha mãe faleceu no ano de 2009, aos 65 anos de idade, lutou bravamente contra um câncer mais infelizmente não conseguiu sobreviver. Tenho muitas saudades dela, minha eterna luz, meu diamante! Ela trabalhou na fábrica de artes, pintava quadros e santos. Ela tinha o dom das Belas Artes! Terminou os estudos e se especializou em Artes, enquanto meu pai abriu uma pequena oficina, fez um teste na Petrobras, foi aprovado e começou a trabalhar na parte de mecânica de consertar carros. Passo a passo ele foi passando em concursos da Petrobras e se aposentou como diretor de sonda da cidade de *Candeias*! Cresci ouvindo essa frase dos meus pais “*Só vencemos nessa vida quando buscamos os nossos direitos através dos estudos*”.

O senhor *Wilson Guedes de Jesus* e a senhora *Adjaldina Maria Santos de Jesus*, os tenho como o meu melhor tesouro, tenho muito orgulho de falar sobre os meus pais! Minha mãe uma mulher muito criativa para sua época,

excelente profissional nas artes plásticas, e com o falecimento do meu avô ela assumiu a casa educando os seus irmãos *Adilson*, *Adinalva* e *Jacira*, ajudando financeiramente a família. Eles venceram racismo e preconceito nos prevenindo contra a discriminação. Meus pais nos educaram de forma honrosa, nos colocando em boas escolas. Lembro dos meus colegas de sala: *Bebeto*, jogador da seleção Brasileira de Futebol; *Gílson Cardoso*, artista plástico e *Luiz Carlos Dória*, o treinador brasileiro de boxe do campeão *Acelino Popó Freitas*. Havia também outros colegas, que se tornaram musicistas, a exemplo de *Marquinho Lobo*, grande percussionista de carreira internacional. O legado dos meus pais deu-me coragem de viver e enfrentar os desafios da vida. Há uma frase no meu disco *Coração de Tambor*, que é do meu padrinho *Mestre Jaime Sodré*, que diz: “*Eu sei o que faço, eu faço o que sou, do meu coração de tambor*”.

O caminho das pedras até a certeza: quero ser percussionista!

Na época da *Black Music*, morávamos em um apartamento no conjunto *Barão do Rio Vermelho* na Rua *Rogério de Farias*. O apartamento era grande, mas não tinha uma sala apropriada para dança. Era um modismo: todos que trabalhavam no *Polo Petroquímico* e na *Petrobras* construíam casas com a varanda e salas enormes. Meu pai resolveu construir uma varanda bem espaçosa no sítio *Cosme e Damião* em *Camaçari* para dançar ao som *James Brown*, *Jackson Five*, *Donna Summer*, *Diana Ross*, *ABBA*, *Chic*, *Carlos da Fé*, *Lady Zu*, *Tim Maia* e *Tony Tornado*. Todos esses artistas eram os meus preferidos da era *Disco* e *Black Music*. *Tina Charles*, *Santa Esmeralda*, grupo *Imagination*, *Bee Gees*, *Cerrone* e *Miss Lene*, faziam o maior sucesso na década de 1970 e no início dos anos 1980 começou uma nova fase da minha vida, aos meus 17 anos, com a chegada da Discoteca. A moda era dançar com “*Os embalos sábado à noite*”, com *John Travolta*, e as *Frenéticas* “*Dancin' Days*”, e *Barry White*.

Os lugares preferidos da minha turma, eram as boates *Hipopótamos*, *Close-up* e *Tropicália* na *Associação Atlética da Bahia*. Confesso que foi uma das melhores épocas da minha vida, com a minha turma do *Colégio São José* e *Alfred Nobel* e os meus amigos do conjunto *Barão do Rio Vermelho*. Era muito legal, porque íamos todos os domingos para a matinê da *Close-up*, dançávamos ao som dessa discoteca. Era bom demais! A discoteca para mim não era apenas um estilo de música, era um estilo de vida completo, que incluía roupas, danças e um espírito de celebração e diversão. Nessa época, algo que me fascinava era ver os negros com seus cabelos *Black Power*, calças boca de sino, e os sapatos cavalo de aço, esses eram os nomes das roupas dos artistas renomados. Certa vez, eu estava assistindo televisão no programa *Globo de Ouro* e *Tim Maia* estava cantando, tocando *cowbell* e solando *timbales*. Eu disse a mim mesmo: “*Caramba, que cara é esse?*”

Começou um novo despertar do corpo com o ritmo da *Black Music* com era *Disco*. Lembro do *Circo Troca de Segredos*, onde íamos assistir *Luiz Caldas e Acordes verdes, Gerônimo, Banda Eva* com cantor *Jota Morbeck*. Era uma época de celebração, ali sim, era uma época de celebração! Porque durante um ano letivo de 1979 ficávamos conversando e pensando com os meus colegas de classe, que bloco iríamos sair no carnaval. Eu ainda não era músico, nem pensava em nada, eu só estava vendo como isso iria influenciar na minha vida.

Quando vi pela primeira vez o *Trio Elétrico Dodô e Osmar*, com o percussionista *Ary Dias* na minha infância, foi um momento inesquecível. Depois, na minha adolescência, quando comecei a frequentar o *Circo Troca de Segredos*, vieram outros momentos marcantes, com *Luiz Caldas, banda Acordes Verdes e Gerônimo*. Ainda não existia *Axé Music*, o sucesso era a *Banda Eva* com o cantor *Jota Morbeck*. Ele foi um dos maiores cantores das bandas de carnaval de Salvador nas décadas de 1970-1980. Tudo aquilo que estava acontecendo era muito inovador. Minha turma tinha dúvidas sobre qual era o bloco que iríamos sair, o *Eva* ou outros. Eu gostava muito do *Traz os Montes*, porque foi nele que passei a conhecer grandes histórias da minha vida como músico. Enquanto isso, em setembro na cidade fervia com o *Festival da Primavera*, shows no *Baiano de Tênis* com a *Banda Blitz* e na *Associação Atlética* com o grupo *Kid Abelha* e outros.

Comecei a andar com a turma de músicos, o entrosamento começou a aflorar e o desejo de tocar em uma banda era algo que estava nos meus sonhos no carnaval, já estava estudando *bongô* e *congas*. No ano 1981 eu e alguns amigos saímos no bloco *Traz os Montes*, o que foi uma experiência inesquecível. Como fã da *Banda Chiclete com Banana*, ao invés de dançar, eu ficava olhando para *Waltinho Cruz* tocar percussão e me tornei seu fã. Quando acabava o desfile eu ia para a porta do trio pedir autógrafo, e ele gentilmente atendia a todos e presenteava baquetas. Vou confessar uma coisa, viu! Fui um dos privilegiados a ganhar uma baqueta da marca *pearl*! Ele tocava *congas* e *bongô* divinamente, quando *Bell Marques* falava na percussão, o meu olhar era para ver *Waltinho Cruz*, tocando no trio de *congas*, juntamente com *Denis* tocando *timbales*.

Quando o bloco encerrava no *Corredor da Vitória*, um grupo de colegas, amigos do *Colégio Alfred Nobel*, íamos para a praça *Castro Alves* para ver o trio elétrico *Armandinho, Dodô e Osmar* e os *Novos Baianos*. Quando chegamos na praça, vimos o trio decorado com os arranjos de frutas, *Baby e Pepeu* com os cabelos coloridos com as tonalidades vermelho, amarelo e lilás, *Morais* com sua voz contagiante ao lado de *Paulinho Boca de Cantor, Galvão, Jorge Gomes e Didi Gomes* com as roupas bem irreverentes, fiquei hipnotizado com aquela banda, vendo *Charles Negrita* com cabelo *Black Power*, tocando *congas* virtuosamente, com tamanha alegria me contagiou. Comecei a dançar ao som de “preta pretinha”, com um coro de mais de 10 mil pessoas na “praça do povo:”, sabe o que é isso? Cantando,

dançando e batendo palmas! Foi nesse momento que olhei para o céu e disse: “Quero ser percussionista, não tenho mais dúvida”!

Em 1981 conheci o *Orlando Bolão*, *Jeane Lee*, *Anselmo* (in memoria), *Ricardo*, *Mô*, *Guda Monteiro*, *Carlinhos Boca*, *Eniara* e *Fernando* e resolvemos formar uma banda chamada “*Cores e Nomes*”. Participamos do festival do *Alfred Nobel* e do colégio *Manoel Devoto*. Essa amizade começou porque éramos vizinhos no *Rio Vermelho*. Nessa época começamos a frequentar shows e cursos de extensão na escola de música da *Universidade Federal da Bahia*. Tínhamos um sonho de sermos reconhecidos na música baiana, através do nosso talento, o que foi uma tarefa árdua, porque ninguém conhecia a nossa banda e não apareciam oportunidades de mostrar nossos talentos. Ensiávamos sem parar, cada um estudava música com os seus professores no curso preparatório para o vestibular. Lembro que eu e *Orlando Bolão* passamos no teste de aptidão, fizemos as provas para o curso de música na *Universidade Federal da Bahia*, e fomos aprovados em 1982 para estudar com *Professor Fernando Santos*.

A escola de música da *Universidade Federal da Bahia* proporcionou, além dos estudos, uma oportunidade de entrosamento com a classe artística dos festivais instrumentais, que estavam acontecendo na cidade. Tornei-me pesquisador da vida e obra de *Ary Dias* e *Djalma Corrêa*, devido às lembranças de ambos nos trios elétricos, que me motivaram a ser um percussionista. Eles são mestres que inovaram e criaram uma forma de tocar nas décadas de 1970 a 1980. Os instrumentos usados nos palcos, passaram a ser uma evolução musical com *congas*, *atabaques*, *bongô*, *efeitos*, *timbales*, *cowbell*, *caixas*, *surdos* e *repiques*. Tal conhecimento é produto de pesquisa sobre *Ary Dias*, *Djalma Correia* e os percussionistas dos *Novos Baianos* *Charles Negrata*, *Baixinho* e *Bola*.

Na biblioteca da Escola de Música vi relatos de quando *Ari* participou da banda *Companheiro Mágico* (1973), uma das primeiras bandas instrumentais da Bahia, e do grupo instrumental *Microtons*, com *Walter Smetak*, quem tocou na Orquestra Sinfônica e fundou o conjunto de Música Contemporânea da UFBA. *Djalma Correia*, apesar de ser mineiro, fixou-se na cidade de Salvador e formou-se em 1970 na UFBA, onde estudou percussão e composição com professores como *Walter Smetak*, *Hans Joachim Koellreutter*, entre outros. Desenvolveu, em parceria com o *Goethe Institut*, o projeto “*The German All Stars Old Friend*”, um festival de jazz que reúne músicos alemães e de outros países. Ícone da percussão e da pesquisa afrobrasileira, *Djalma Corrêa* tocara com os quatro artistas baianos em agosto de 1964, em Salvador (BA), no lendário show *Nós, por exemplo*, que foi o pontapé inicial na trajetória profissional de *Bethânia*, *Caetano*, *Gal* e *Gil*, trazendo para os palcos a junção de ritmo e poesia. Este foi um trabalho rico de criatividade, com efeitos e tambores nas canções executadas. Nessa seara, a criação do grupo *Baiafro* (1970) merece nota pois, depois de doze anos (em 1976) *Djalma* atuou como percussionista no show do grupo

Doces Bárbaros, quarteto formado por *Caetano Veloso*, *Gal Costa*, *Gilberto Gil* e *Maria Bethânia*. A universidade passou a ser o lugar de estudos e pesquisas, observava que várias pessoas da área de música, teatro, dança não só frequentavam a escola, com participavam dos shows no ICBA e o *Teatro Vila Velha*.

Em Salvador um novo movimento de encontro de bandas instrumentais com a formação percussiva começou na década 1980. Vários encontros ocorreram na Escola de Música, com o professor de percussão *Fernando Santos*, que estava elaborando métodos dos estudos eruditos e populares do grupo de música contemporânea da UFBa. Em 1981, na *Universidade Católica de Salvador*, os professores de percussão *Ivênio* e *Manoel Gerônimo*, começavam a reunir músicos, como o baterista *Jaime Bocão* e o percussionista *Tustão Cunha*, integrantes do grupo instrumental *Pulsa*, que misturava poesia concreta com ritmos brasileiros.

Em 1983, locais como o *Teatro Vila Velha*, *Circo Troca de Segredos* em *Ondina*, o *Relâmpago da Pituba*, receberam muitos shows, locais e nacionais, e nesse período foram surgindo bares com características mais próximas desse universo. O *Rio Vermelho* passou a ser, nessa época, um dos bairros mais boêmios e culturais da cidade, com o *Ad Libitum*, *Espaço Bleff*, *Exodus Bar*, *Bar 68* e *Zouk Santana*. O bairro da *Pituba* também movimentava a boemia soteropolitana, com os bares *33*, *Trambar*, *Canteiros* e *Travessia*. Todos esses locais eram espaços de entretenimento de vários artistas hoje consagrados como *Carla Visi*, *Lazzo*, *Daniela Mercury*, *Gerônimo*, *Luiz Caldas*, *Netinho*, *Jorge Zarath*, *Margareth Menezes*, *Marcio Nilo*, *Saul Barbosa*, *Jota Morbec*, *Carlinho Cor das Águas*, *Clara Guimel*, *Marilda Santana*, *Vânia Abreu*, *Sueli Sodré*, *Jussara Silveira*, *Jorge Alfredo*, *Chico Evangelista* e outros. Comecei a ser amigo desses artistas, e ali estava surgindo uma genuína música baiana, que se configura com características próprias!

Eu já estava inserido no meio musical, começando a tocar muito jovem. Ainda não estava no grupo de *Tony Mola*, juntamente com *Carlinhos Brown*. Andava com o grupo de músicos das Escolas de Música das Universidades Católica e Federal. Em uma dessas noitada boêmias, encontrei o baixista *Marinho* da banda *Cheiro de Amor*, e fiquei sabendo que a banda estava precisando de percussionistas. Fiz um teste e fui contratado por *Totó* (in memória) para fazer o show no *Circo Troca de Segredos* (1980). Fiquei numa felicidade tão grande! Eu já estava tocando na banda *Cheiro de Amor*, conhecida como *Pimenta de Cheiro*. A estrela da banda era *Gugui* e *Terezinha Valoá*, no baixo *Marinho*, na guitarra *Vicente*, no teclado *Zé de Henrique*, na bateria *Toinho* e na percussão *Zuca*. Minha estreia foi no circo *Troca de Segredos*, e eu fui o primeiro do grupo “*Cores e Nomes*” a entrar em uma banda famosa.

O sonho de meu pai e minha mãe, era que eu fosse um engenheiro, ou médico ou outra profissão a não ser músico. Eles não imaginavam que eu já estava tocando! Quando falei do meu sonho em ser percussionista, não

gostaram da ideia, não achavam que seria uma carreira profissional e sim, um *hobby*, porque na família todos gostavam de música, mas ninguém se tornou profissional, porque todos começaram mais não deram seguimento pelas dificuldades, a exemplo do meu tio, que não permaneceu com bloco porque não tinha patrocinador.

No artigo “A Era das Batucadas”, Ickes (2013) argumenta sobre o relato dos grupos baianos que não eram subsidiados pela Prefeitura de Salvador. Isso eu vi de perto, pois presenciei a luta do meu tio, por ser negro de um bairro pobre, onde sem apoio e sem definição dos horários para sair na avenida. Os blocos de bairros populares sempre tiveram dificuldades de conseguir patrocínio. Quem conseguia patrocínio eram os blocos que tinham uma ligação com a Cidade Alta, nos bairros famosos para participar da Associação de Blocos e Trios. Como meu tio não participava, teve muita dificuldade para manter o seu bloco, que acabou terminando, mas só que a batuta dos meus ancestrais, foi passada para mim. Fui à luta porque eu queria mostrar para a minha família que a minha música era Arte, ancestralidade, educação, cultura e história. Todos os conhecimentos herdados dos meus ancestrais me fizeram um tocador de tambor. É certo que passei dificuldade, pois não foi fácil. Pisei em muitas pedras que furaram o meu sapato, no entanto, não rasgaram a sola do meu pé! Quando furava, eu trocava de sapato e segui em frente.

Fiquei muito honrado com a experiência de tocar com a banda *Pimenta de Cheiro*, do *Bloco Cheiro de Amor*, ao lado de grandes músicos da música baiana, porém acabei não ficando na banda pois recebi um convite para uma nova experiência musical. Que experiência foi essa? Em 1984, encontrei *Levi Pereira* e *Durval Lelis* no bar *Canteiros* na *Pituba*. Desta vez fiquei sabendo que estavam abertas audições para percussionistas na *Banda Pinel*. E foi assim que ingressei para a banda, cuja formação era . A formação era *Durval Lelis* na guitarra, no vocal: *Levi Pereira* no vocal e baixo, *Ana Cláudia* no vocal, teclado: *Ricardo Ferraro*, flauta: *Luciano Chaves*, bateria: *Tião*, guitarra base: *Paulo Cheiro*, percussão: *Wilson Café* e *Ubajara Carvalho*.

Percussionista do mundo: de Salvador para o Rio de Janeiro e Nova York – os anos dourados

Meu nome artístico ficou definitivo como *Wilson Café*. Quando eu falava que meu nome de batismo era *Wilson*, todos diziam “*está muito careta para um percussionista*”. Comecei a observar e perceber que faltava um apelido artístico, lembrei do que tinha acontecido na minha infância, quando minha avó trabalhava no *Hospital Santo Antônio* ela tinha três “quentes frios”, ou seja: garrafas térmicas para, leite, café e chá. Nessa época, eu tinha dez anos e, por ser menor de idade, e eu não poderia ir para os ensaios do *Bloco os Trouxas*, porque o Juizado de Menores não permitia. Então meu tio *Adilson* era o responsável por me levar. Durante o dia, quando observei que minha

avó estava com as garrafas de “quente frio”, e vi que ela as colocava em uma sacola, eu peguei a garrafa de café e escondi no armário. Ela não percebeu! No outro dia de manhã, quando ela chegou do plantão e não encontrou a garrafa de café, ela perguntou: “*Quem viu a garrafa do café? Eu não sou doída! Como foi que essa garrafa desapareceu?*” Meu tio olhou para ela e falou, “*Quem tomou café durante o dia todo foi Wilson, porque a senhora fica falando que tomar café passa o sono, óbvio que ele tomou bastante café para não dormir, para ir para o ensaio*”. A família toda começou a dar risada com essa história e passou a me chamar carinhosamente de *Cafezinho*. Meus pais não gostavam disso, diziam “*O nome do meu filho não é Cafezinho*!” Com o passar do tempo ponderei que o café é um produto de exportação e um patrimônio cultural do Brasil afinal, qual o brasileiro que não gosta de café? Então, escolhi o nome artístico *Wilson Café*. Assim começou a minha história na banda *Pinel* como *Wilson Café*, antes do *Cheiro de Amor*, quando eu toquei como *Wilson*. Em 1987, *Durval Lelis* e *Marcelo Brasileiro* resolveram formar o grupo musical que veio se tornar *Asa de Águia*, com uma formação que inovou no baixo *Cláudio Baé*, no teclado *Ricardo Ferraro*, na percussão *Wilson Café* e na bateria *Jean Toullier*.

Foi uma trajetória de muitos anos pela estrada até alcançarmos o sucesso tão esperado com a gravação do vinil, chamado *Asa de Águia* com sucesso, *Bota pra ferver*, *Take it easy* e outras. O *Asa de Águia*, com a mistura do *rock pop caribe* inovou o cenário da música baiana assim, como era chamada antes de existir o *Axé Music*. Levamos um bom tempo sem saber qual a nomenclatura que poderíamos dar a banda, qual a identidade musical, já que tocávamos *Pink Floyd*, *Lulu Santos*, *Kiko Zambiank*, *Carlos Santana*, etc. Eu por exemplo, estudava muito *Carlos Santana*, porque era apaixonado pela salsa. *Levi*, ex-integrante do grupo *Dodô e Osmar*, era o mais experiente da banda, *Durval* já era roqueiro, *Baé* veio da banda *Catapulta rock*, e *Jean* também fazia parte da banda de circo e foi um dos primeiros bateristas do grupo *Garagem*, que tocava música instrumental, e já era uma banda virtuosíssima. Ou seja, todos eram e ainda são músicos estudiosos e talentosos. Tinha um estúdio na sede do *Pinel*, onde ensaiávamos muito, e criamos uma banda com seu próprio conceito e identidade que chamou a atenção da mídia baiana, porque não existia em Salvador uma outra banda, que trabalhava na base do *rock* e *pop*, misturando com os ritmos caribenhos e afrobaianos.

Eu trouxe a bagagem rítmica da minha infância, juntamente com adolescência, que a minha ancestralidade me deu, e dessa forma coloquei essas musicalidades na banda, porque naquela época, ninguém usava essas células de matrizes africanas, em uma banda de *pop rock*. Todas as nossas músicas eram autorais, e a família do *Durval* tinha uma casa no bairro *Armação*, que apelidamos de mansão da *Águia*, onde ficávamos ensaiando, criando nossas composições e nossos arranjos, depois que não podíamos mais ensaiar no estúdio do *Pinel*.

O *Bloco Pinel* começou a ter um certo ciúme, porque a gente ensaiava dentro da sede do *Pinel*, éramos *Banda Pinel* e também éramos *Asa de Águia*. Alguns componentes do *Pinel*, no entanto, não eram do *Asa de Águia*, enquanto alguns componentes do *Asa de Águia* não eram da *Banda Pinel*. Então então o *Pinel* proibiu que a gente ensaiasse qualquer coisa do *Asa* na sede do bloco *Pinel*. *Durval* levou para a mansão da *Águia*, um mini estúdio, ficávamos ensaiando durante toda semana, começamos a tocar na varanda da casa e os vizinhos começaram a gostar. Nessa época todo mundo gostava de frequentar as praias e suas famosas barracas, começamos a panfletar nas praias de *Jaguaribe*, *Flamengo* e *Stella Maris* na barraca *Padang*, foi um sucesso tão grande que o *Asa de Águia* cresceu e começou a voar, sendo convidado para tocar na *Associação Atlética da Bahia*, *Baiano de Tênis*, *micareta* de Feira de Santana e no carnaval de Salvador no *Crocodilo*, *Eva* etc.

O *Asa* começou realmente a ter o seu sucesso em 1988, participando da gravação do clip *We Are the World of Carnaval*, campanha publicitária de Natal da *Ótica Ernesto*, cuja renda foi revertida para obras assistenciais *Irmã Dulce*, reunindo músicos, artistas, socialites, jornalistas e desportistas. Esse projeto foi parceria da *DM.9* com o *Asa de Águia*, com os músicos *Durval Lelis*, *Wilson Café*, *Ricardo Ferraro*, *Baé* e *Jean Toullier*, que foram os responsáveis pela gravação, arranjos no estúdio da *WR*, dirigido por *Wesley Rangel*. O autor dessa musica foi o publicitário *Nizan Guanaes*. *We Are The World of Carnaval* acabou virando o hino do carnaval no ano de 1988, e até hoje é a música mais tocada no carnaval de Salvador pelos artistas da *Axé Music*. Tornou-se também um dos sucessos musicais mais executados nos carnavais fora de época, nas cidades de Fortaleza, Natal, Recife, Aracaju, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Florianópolis,

Todavia o meu destino não estava reservado para o *Asa de Águia* para eternidade, em 1989, fomos convidados para fazer o show na *Festa do Melão em Juazeiro*, por volta das 15 horas, o empresário da *Tânia Alves* na época o *Tadeu Viscarde*, estava procurando o empresário do *Asa*. O *Tadeu* disse, olha o baterista e o percussionista perderam o voo, naquela época só tinha um voo para ir para Juazeiro, conversou com o *Marcelo* que soube que tinha uma banda que ia abrir o show da cantora e perguntou quem era o baterista e o percussionista, então *Marcelo* nos apresentou a *Tadeu*, e o mesmo nos deu uma fita cassete com as músicas do repertório. Ouvimos, ensaiamos com o multi-instrumentista *Perinho Santana*, que estava fazendo a direção musical, no final da passagem de som *Tadeu* nos chamou e falou o valor do cachê, eu quase desmaio! Sabe por quê? Os cachês dos músicos da Bahia são inferiores ao eixo Rio e São Paulo, apesar de todos acharem quem toca no *Axé Music* é rico, isso é uma tremenda mentira. O *Axé Music* é movimento liderado por grandes empresários e artistas renomados, pagam bem na medida do possível, mas sempre estão metidos em causas judiciais, por não pagarem aos músicos e seus técnicos.

Os artistas independentes sofrem com o monopólio liderado pelos grandes empresários com as suas produtoras, os empresários ficam com o dinheiro e acaba tendo rompimento de grandes artistas, saindo da banda, esse é o grande conflito que até hoje vem acontecendo. Quando eu recebi esse convite eu fui lá toquei e eles gostaram, *Tadeu* nos levou depois do show para conhecer a *Tânia Alves*, a mesma foi super gentil, agradeceu e nos parabenizou. *Tadeu* disse quando for ao Rio nos procure, está aqui o meu cartão, comentou comigo e o *Jean* que estava pensando em mudar o baterista e o percussionista, se vocês quiserem ingressar na banda, aqui está o meu contato, nos deu o seu cartão, retribuí e dei o meu contato residencial e afirmei o meu desejo de um dia tocar com a *Tânia Alves*. Ela estava fazendo o maior sucesso na novela *Tititi* na *Rede Globo*, tinha gravado uma composição de *Roberto Mendes* e *Jorge Portugal*, chamada “*Amor de matar*”, e essa música estava fazendo o maior sucesso na década de 1980 nas rádios de Salvador e tocava muito nas festas de *Largo do Bomfim*, *Ribeira*, *Conceição*, *Rio Vermelho* e *Itapuã*.

Depois de alguns meses o telefone toca, eu ainda morava na casa dos meus pais, o *Tadeu* ligou e perguntou: *Wilson* estou ligando para saber se você tem interesse de fazer uma turnê para Estados Unidos e vamos passar 15 dias nas cidades de Orlando, Boston e New York, nós iremos fazer uma temporada na *Broadway* na casa de espetáculos *Blue Angel*. Fiquei doído com tamanha informação, conversei com meu pai, ele disse-me: “*Não temos parente no Rio de Janeiro*!” Porém, minha mãe disse: “*Nós temos sim! A prima de Edith ela mora no bairro do Catete*”. Minha mãe deu uma bronca no meu pai e afirmou: “*Ele vai! pois é o destino do nosso filho que está em jogo!*” Aceitei o convite, e foram oito anos morando no Rio de Janeiro. Quando fui para Nova York no ano de 1990 quem eu encontro? Meu ídolo: *Tony Mola*, ele estava por lá, foi assistir o show, eu estava tocando percussão sozinho, era uma turnê grande. *Tadeu* tinha alugado os instrumentos de percussão e não sabia que o responsável era o *Tony Mola*. *Tadeu* veio e fala para mim: “*Olha encontrei um baiano, que alugou todo o equipamento de percussão que você pediu*”. Perguntei a *Tadeu*: “*Qual é o nome dele*”? *Tadeu* respondeu: *Tony Mola!* Falei alto para todos ouvirem, esse homem é o mestre da percussão baiana, ele é meu mestre, comecei a estudar percussão com ele, sou grato pelos ensinamentos.

Quando estava no *Asa de Águia* em 1987, começou a existir um movimento, do encontro dos percussionistas liderado por *Tony Mola* que morava no *Maciel Pelourinho*. *Tony* estudava salsa por causa de *Vovô Saramanda*, que morava no Canadá e tinha um conhecimento profundo dos ritmos haitianos e dos ritmos cubanos. *Vovô* começou a trazer fitas, ele viajava fazendo *workshops* pelo mundo, tocando no *Balé de Cuba*, já era um astro da percussão baiana internacional, com o seu projeto africanista, ficava mais no exterior, do que no Brasil, respeitava e considerava *Tony Mola* como um grande amigo e percussionista.

Em conversa com o percussionista *Tustão*, contou-me como foi o surgimento do grupo *Buscapé*. Segundo ele, o flautista e saxofonista *Bira Reis*, nessa época tinha sua oficina de investigação musical na *Federação*, onde passou a ser um ponto de encontro dos ritmos afro-brasileiros, com a contribuição do flautista *Luciano Chaves* e do baterista *Anunciação*. Esse espaço virou uma *jam session*, nesses encontros em 1980 surgiu o grupo *Buscapé*, liderado pelo *Vovô Saramanda*, com os percussionistas *Tony Mola*, *Luiz Zoinho*, *Tustão*, *Ubaldo Waru*, *Júlio Flores*, o compositor, saxofonista *Jorge Papa*, o baixista *Gustavo Munhos*, o flautista e saxofonista *Bira Reis*, enquanto *Carlinhos Brown* ingressou no grupo bem depois. Ele relata que a banda *Buscapé* marcou época na cena instrumental baiana, porque todos os percussionistas assistiam os seus shows, devido a grande inovação musical do *afro jazz*. Vários percussionistas começaram a formar grupos para estudos tornando esse elo aprendizagem, uma eterna amizade, a exemplo de *Tony Mola*, *Carlinhos Brown*, *Walter Cruz*, *Wilson Café*, *Bastola*, *Rato*, *Zuca*, *Ubajara Carvalho*, *Renato Kalile*, *Tustão*, *Tião Oliveira*, *Edfran*, *Giba Conceição*, *Dito*, *Roquinho*, *Ivan Huol* e outros.

Nesse mesmo ano *Jhon Arruci* veio para um intercâmbio na UFBA, ele morava em New York e tocava com o grupo *Cubatá*, trouxe *Frankie Malabé* para ministrar *workshops* de ritmos cubanos na Escola de Música, e vários percussionistas adotaram as técnicas aprendidas. Eles gravaram ritmos como *rumba aberta* em várias canções da música baiana, a exemplo da composição *Sementes* de autoria do compositor, cantor e instrumentista *Missinho*, gravado pela banda *Chiclete com banana* (1985), com arranjo percussivo de *Walter Cruz*. *Jhon Arruci* começou a ministrar aulas na Escola de Música da UFBA, para vários percussionistas, um deles foi *Ivan Huol*, baterista atualmente do grupo *Garagem*. Depois de todo o aprendizado do *xilofone*, *Ivan Huol* introduziu os métodos e execução do instrumento na banda *Monte Serrat* do cantor e compositor *Gerônimo*, inovando o cenário musical ao lado de *Tião*. *Jhon Arruci* conheceu em 1984 o percussionista *Tião Oliveira* (*Tião Omolú*) e começou a estudar com ele os ritmos de matrizes africanas do *candomblé*. Ele fica encantado com os toques dos *atabaques* e com a força dos *ogãs* e seus cânticos.

A música baiana começou a ter uma proporção musical na década de 1980 com a grande influência da amizade dos mestres percussionistas e seus estudos nos ritmos *galope*, *frevo*, *ijexá* e *salsa*. Cada trio com o seu bloco tinha um nome específico para sua banda a exemplo do *Cheiro de Amor* e *Pimenta de Cheiro*, *Traz os Montes* e *Chiclete com Banana*, *Papa Léguas* e *Banda Furta Cor*, *Camaleão*, *Salamandra* etc. Salvador tornou-se um polo cultural com novos conceitos musicais influenciando o cinema, a dança e o teatro com os ritmos afro-brasileiros e com as inovações dos mestres percussionistas. A música baiana, como era chamada antes de ser apelidada de *Axé Music*, começou a deixar de ser música sazonal de Carnaval e ganhou espaço nas rádios e festas, enquanto os *Blocos Afro* ganhavam força fora de

seus guetos.

Os ritmos cubanos e caribenhos começaram também a ter uma grande influência, através de percussionistas que vinham a Salvador para estudar os ritmos afrobaianos, e ao mesmo tempo acabavam compartilhando os ritmos da sua cultura como *salsa*, *merengue*, *guaguancó*, *candombe* e *calipso*, estabelecendo uma relação de amor pela cidade e fixando moradia a exemplo do percussionista *Ramiro Musotto*. Nesse intercâmbio cultural nasceu em 1982, o grupo *Rumbahiana*, contribuindo com suas claves para um novo aprendizado rítmico na música afrobaiana. A *Rumbahiana* era uma orquestra que nasceu com o objetivo de difundir um ritmo que conquista a quem escuta: a salsa com oito baianos, um alemão, um italiano, um chileno, um argentino um sueco, que juntos fizeram este som multinacional que pode ser chamado de uma autêntica música caribenha, mas com um forte tempero baiano. Lembro das quartas-feiras de 1985 no bar *Vagão*, no bairro *Federação*, pois era o ponto de encontro dos percussionistas. Lá nos reuníamos *Tony Mola*, *Carlinhos Brown*, *Walter Cruz*, *Bastola*, *Tustão*, *Marco Lobo*, eu e outros. Esse espaço tornou-se o lugar mais visitado pela classe cultural dos segmentos dança, teatro e cinema, para verem e ouvirem os ritmos executados pelos mestres percussionistas ao som da *Rumbahiana*.

Em 1985, começamos a misturar nas bandas, os ritmos afro-cubanos e afrobaianos a exemplo do *ijexá*, *samba*, *salsa*, *merengue* e *calipso*. Essa inovação foi uma grande influência no panorama da música local, contribuindo com o *samba-reggae*, como afirma um dos precursores dessa inovação, *Mestre Jackson*. No cenário carnavalesco da Bahia, essa influência mudou até a instrumentação percussiva dos trios elétricos para instrumentos caribenhos como *congas*, *timbales* e *campanas*, *torpedos* e *templebocks*, notadamente a partir da música de *Luiz Caldas*, *Sarajane*, *Margareth Menezes*, *Gerônimo*, *Cheiro de Amor*, *Pinel*, *Netinho*, *Carlos Neto*, *Banda Furta Cor*, *Jorge Zarath*, *Chiclete com Banana*, *Asa de Águia* e *Banda Eva*.

Depois de muitos estudos e muitas rodas de tambor, *Tony Mola* e eu nos tornamos amigos, fiquei fã, assistindo a banda *Acordes Verdes* e conheci *Carlinhos Brown* através dos estudos da laje de *Tony*. Aquilo era fantástico, pois lá estavam *Ivan Huol*, *Carlinhos Brown*, *Tião Oliveira*, *Zuca*, *Bastola*, *Tustão*, *Marco Lobo*, *Ubajara* e *Waltinho Cruz*, todos nós estudávamos ali, todos nós já estávamos ali. *Mônica Millet* aparecia também, então esse grupo foi um grupo que teve uma força de criatividade, juntamente com outros percussionistas que também já estavam chegando, mas esse foi o grupo que foi apadrinhado por *Vovô Saramanda* e outros percussionistas. *Vovô*, quando chegava do Canadá tinha um grupo de percussionistas que ele tinha uma grande afinidade, trazia um instrumento de percussão chamado *batá* (instrumento religioso de percussão usado, principalmente, em ritos religiosos ou semirreligiosos da cultura iorubá na Nigéria, bem como por praticantes de *Santeria* em Cuba, Haiti e Porto Rico), e mostrava para a

gente como ele tocava na orquestra cubana. Era difícil nessa época você ter acesso a fita cassete dos grupos de *salsa*, *merengue* e dos ritmos afro-cubanos, ele nos presenteava, e ficávamos estudando música afro-cubana, junto com as suas claves.

A década de 1990 foi o meu grande caminhar na carreira profissional, espiritual, estudos, pesquisas, premiações e consagrações. Dispersei-me da banda *Asa de Águia* com o coração cheio de gratidão, e fui em busca de novos horizontes levando na bagagem muita experiência profissional. Chegando ao Rio de Janeiro em 1990 fiquei tocando com a cantora e atriz *Tânia Alves* com a turnê nos Estados Unidos em New York, Los Angeles e Boston. Depois de quatro anos tocando com *Tânia Alves*, fui apresentado por *Roberto Mendes* a *Maria Bethânia*, e fui convidado para fazer a turnê europeia do disco “Olho d’Água” (1992), que representou uma alegria sem tamanho, pois eu estava tocando com a poesia descalça da *Diva Maria Bethânia*. Depois de tocar nas cidades de Sevilla, Lisboa e Porto, a turnê seguiu para o Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1993, com a *Maria Bethânia*, *Gal Costa* e *João Gilberto*, fiz parte da banda para a reinauguração do *Teatro Castro Alves*, e mais um ano acompanhando a temporada da turnê do show “Olho D’Água”. Em 1993 ingressei na banda da *Gal Costa* na final da turnê “O Sorriso do Gato de Alice” e em seguida com *Elba Ramalho* em shows por Salvador. Por estar em um ambiente no qual grandes ícones consagrados como *Bibi Ferreira* e *José Posse Neto*, estavam presentes com os seus ensinamentos e direção teatral, comecei a buscar registros através dos livros sobre a Etnocenografia, espetacularidade, corpo, ritmo e cena. Esses ícones fizeram parte da minha trajetória como músico percussionista, dirigindo-me cenicamente nos espetáculos de *Maria Bethânia*.

Para minha alegria e felicidade, trabalhar com as divas *Tânia Alves*, *Elba Ramalho*, *Gal Costa* e *Maria Bethânia*, fez pulsar em mim um aprendizado de amor e respeito ao teatro, o palco era o meu chão, a minha firmeza, cada uma tinha particularidades diferentes na dramaturgia, interpretação e canção. Quando eu vi na plateia em Lisboa no *Teatro Coliseu*, o escritor e biólogo moçambicano *Mia Couto*, fiquei boquiaberto, porque eu sou fã dele! Assumi que eu tinha que aprofundar-me nas suas obras e por isso, de férias em Salvador em 1993, comecei a frequentar o *Centro de Estudos Afro-Orientais*, dedicando-me as leituras. O responsável pela minha ida ao CEAO foi o arquiteto ambientalista *José Augusto Saraiva Peixoto*, fui assistir uma palestra do grupo *Gérmén* liderado por ele, na biblioteca Juraci Magalhães no bairro do *Rio Vermelho* que tratava da preservação dos terreiros na cidade de Salvador. O palestrante era o antropólogo, pesquisador, professor *Ordep Serra*, que falou sobre a importância dos terreiros com os seus fundamentos, suas folhas e seus toques sagrados. Ao final da palestra perguntei ao *Saraiva* onde eu poderia obter informações sobre esses ensinamentos, ele recomendou-me ao CEAO e apresentou-me ao Professor *Ordep Serra*.

Fiz uma grande amizade com os dois, ao ponto de *Saraiva e Ordep* se tornarem meus primeiros mestres orientadores nos estudos Afrobrasileiros. Fui presenteado por *Saraiva* com o livro *Candomblé da Bahia*, de Edson Carneiro. No mesmo ano conheci no CEAO o historiador *Jaime Sodré*, que foi o meu porto seguro, pois eu estava confuso e sem saber qual caminho percorrer. Ele me ajudou a organizar minhas ideias e deu um horizonte ao meu pensar. Apresentou-me suas pesquisas e me ensinou que o futuro é ancestral. Passei a ouvi-lo com as suas oralidades e fontes escritas, tornou-se meu padrinho e mestre, ele adorava quando eu falava da minha infância regada as tradições populares.

Na sua casa conheci o professor antropólogo e escritor *Júlio Braga* e personalidades do *Movimento Negro Unificado*, a historiadora educadora *Arany Santana* e o fundador do bloco *Ilê Aiyê*, *Antônio Carlos dos Santos Vovô* e o cineasta *Pola Ribeiro*. Em um desses encontros surgiu o convite do cineasta *Pola Ribeiro* para transmitir o carnaval na TVE (IRDEB) no ano de 2010 a 2014 ao lado da jornalista *Liliane Reis*. Os meus comentários eram sobre o antigo carnaval da avenida *Sete de Setembro*, bairros populares, atual carnaval do circuito *Campo Grande*, as inovações dos mestres percussionistas, *Bloco afros*, *Blocos de Índio*, *Blocos de Samba*, *Afoxés*, *Blocos*, *Cordões*, *Batucadas*, *Música baiana*, evolução dos trios elétricos, etc.

Os conselhos do Historiador *Jaime Sodré* me fizeram ser o pesquisador que sou, deram-me coragem para seguir com minha missão, respeitando a minha história ancestral e religião como católico, devoto de *Nossa Senhora de Fátima*, *São Miguel Arcanjo*, *São Bento*, *São José*, *São Francisco*, *São Sebastião* e *Santo Antônio*. Nas nossas conversas sobre *Nelson Maleiro* descobrimos que ele era devoto de *São Bento* e com passar dos anos por coincidência, conversando com *Dom Agostinho*, ele relatou da fé de *Nelson Maleiro*, como frequentador assíduo do *Mosteiro de São Bento*. Fiquei espantado, porque frequento o *Mosteiro de São Bento* há quinze anos, observei que tínhamos em comum a mesma devoção e fé. Todas as quartas-feiras na casa do Professor *Jaime Sodré*, tínhamos encontros com vários compositores a exemplo do violonista, cantor e compositor *Saul Barbosa* e o músico, poeta e escritor *José Carlos Capinam*, que atualmente é o Presidente de Honra do *Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira* em Salvador. Em um desses encontros ele falou do senegalês *Mamour Bá*.

Em 1993, lendo os jornais vi a notícia das inscrições para o *Troféu Caymmi*. Fiz a minha inscrição e procurei a produtora *Graça Junqueira* para montarmos o meu primeiro show “*Na palma da Mão*” no teatro ACBEU. Convidei *Luciano Chaves* no sax e flauta, *Cândida Lobão* no violoncelo, *Yacoce Simões* no piano e *Erico Firmino* no baixo. Não fui indicado e acabei desclassificado. Não desisti e continuei com as minhas pesquisas musicais e estudos, quando vi um anúncio no CEAO em 1994, sobre um *workshop* com um senegalês chamado *Mamour Bá*, com estudo de bases rítmicas, tema e cantos melódicos dos tambores. Matriculei-me e fui ao *workshop* no espaço *Satori*

no bairro da Pituba. *Mamour Bá* se tornou o meu primeiro mestre do continente africano. Comecei a aprender: como, para que, e o porquê tocar o *Djembé*! Ele ensinou-me um pouco das tradições desse tambor muito antigo, originário da Guiné na África Ocidental, com as suas sonoridades agudo, médio e grave. Não existia loja de *Djembé* em Salvador. A loja de instrumentos em destaque era a *Primavera*, situada na *Praça da Sé*, mesmo assim ela não tinha esse instrumento, porém, *Mestre Lua* tinha uma oficina que confeccionava *Djembé*. Ele passou a ser procurado pelos percussionistas para isso. No mesmo ano, conheci o antropólogo e poeta *Antônio Risério*, na casa do cantor e compositor *Jota Velloso*, e nos tornamos amigos e conversávamos sobre as manifestações culturais da Bahia.

Em 1994, fiz a inscrição para concorrer e aconteceu a grande consagração da minha vida, fui o vencedor do *Troféu Caymmi* com o show “*Batam Palmas*”. A formação do show instrumental em homenagem a tropicalismo, com um time de músicos consagrados como *Luciano Chaves* (flauta e direção musical), *Luiz Almiro* (baixo acústico), *Marco Roriz* (violoncelo), *Ivan Bittencourt* (violão), *Edu Fagundes* (clarinete), *Alexandre Magno* (Violino), com participação especial da cantora *Jussara Silveira*, direção teatral de *Luiz Marfuz*, começava minha trajetória como carreira solo, como uns dos grandes percussionistas do Brasil.

Em 1995, gravei o meu primeiro disco “*Batam Palmas*”, no estúdio WR com a direção do produtor musical e folclorista brasileiro *Roberto Sant’Ana*. Esse disco foi escolhido pela crítica local como um dos melhores do ano. No mesmo ano, com o apoio cultural do *Baneb* e *Bahiatursa*, fiz o meu show “*Batam Palmas*” no *Teatro Castro Alves* para convidados. Este foi um dos grandes momentos da minha carreira, começava no cenário nacional e internacional o respeito pela minha inovação do “tribal” com o erudito. Começava um grande respeito pelo meu trabalho, na Bahia e no Brasil, mesmo com a minha carreira solo, paralelamente tocando com *Maria Bethânia*, *Gal Costa*, *Tania Alves* e *Elba Ramalho* em seus shows.

Em 1997, gravei “*Coração de Tambor*”, pela WR, que foi indicado em 1998, ao *Prêmio Sharp de Música* na categoria Pop Revelação, ao lado de *Lenine* e *Zeca Baleiro*! Nesse disco, eu presto homenagem a *Gordurinha*, *Manezinho de Araújo*, *Minona Carneiro* e *Jackson do Pandeiro*. Nele eu venho como cantador, não como cantor, pois fiz uma pesquisa pelo Norte e Nordeste brasileiros com a orientação do historiador *Jaime Sodré* e pelo pesquisador da história da música brasileira, o radialista *Perfelino Neto*, viajando para conhecer a cultura da *embolada*, do *coco de quadra*, e de *umbigada*, entre outros.

Terminei a minha pesquisa em Belém do Pará, conhecendo *Pinduca* o rei do *carimbó*. Fui convidado pelo SESC Pompeia em São Paulo, para três apresentações, e meu disco começou a ser tocado nas rádios de Salvador, São Paulo e no Rio de Janeiro. Ainda em 1998, viajei para a Alemanha para divulgar o disco e show “*Coração de Tambor*”, e também fui convidado pelo

maestro *Eberhard Schoener* para gravar a ópera “*Beleza Negra*”, baseada no conto de *Madame Butterfly* na cidade de Munique. No início de 1999, estreei o meu show “*Coco black dance*”, no *Projeto Petrobras de Música* no Teatro SESC do comércio em Salvador, com a participação especial de *Xangai* e *Virginia Rodrigues*. Ainda em 1999, fui convidado pelo Departamento de Música da Funarte, do Rio de Janeiro, com o mesmo show, onde fiz uma temporada na *Sala Funarte*, com a participação de *Zezé Mota*.

Ações sociais e educacionais

Novos estudos e reconhecimento internacional

A década 2000, veio com uma fase importante do meu reconhecimento internacional. No ano 2000, estreei o show “*Notícias do Brasil*”, lançando o mesmo no *Mercado de Música Viva de Vic*, em Barcelona, na Espanha, onde fiz várias apresentações, inclusive no *Seminário de Jazz Del Taller de Músicas*. A base desse show retrata um mix do folclore nordestino (*maracatu*, *boi-bumbá*, *embolada* e *coco*) e *Black Music*. Em novembro de 2000, participei como cantor e ator da “*Virtopera*”, primeira ópera virtual, com os cantores *George Kochbek* e *Bob Lakermann*, na cidade de Colônia. Em agosto de 2001, fui convidado pelo Diretor *Eugenio Barba*, para me apresentar com a *Banda Sucatamania* no evento *Odin Theater*, em Holstebro, na Dinamarca, junto com o grupo cultural *Bagunçaço!* Essa experiência foi fundamental para mim e resolvi me engajar no voluntariado e idealizar uma escola de percussão.

Entre 2002 e 2003, com o apoio do *Banco Interamericano de Desenvolvimento* e do seu ex-presidente *Enrique Iglesias*, idealizei a *Escola de Educação Percussiva Integral* (EEPI), com o objetivo de educar jovens em risco social e pessoal na faixa de 12 a 16 anos de idade, situada na Estrada das Barreiras no bairro do Cabula II. Durante vinte anos fui Coordenador Geral desse projeto social, com os amigos diretores e parceiros, o arquiteto-ambientalista *José Augusto Saraiva Peixoto*, o publicitário e administrador de empresas *Celso Ricardo*, o *Dr. Eraldo Moura Costa*, o artista plástico *Gilson Cardoso*, o historiador *Jaime Sodré*, o engenheiro *Manoel Ribeiro Abreu*, a secretária *Selma Oliveira*, o Diretor de Ações Sociais do BID *Roberto Correia Lima* e o economista *Nilton Paz*.

A EEPI, foi um grande sonho que se tornou realidade, cujo objetivo era o de educar através do tambor. Era um projeto de arte-educação, socioambiental e musical contemporâneo, totalmente gratuito, onde a mola mestra da casa era a percussão e suas práticas sonoras e performáticas, integrando e interagindo com os jovens aprendizes, incluindo os avanços tecnológicos das multimídias e a reciclagem e repaginação das técnicas percussivas para a divulgação e inserção dos seus produtos com a devida ressonância no mercado de trabalho. A experiência, formação e preparação adquiridos na EEPI proporcionam aos educandos e discípulos, a necessária transformação social e cultural, em decorrência do aprendizado e interesse

por diversas modalidades de artes voltadas para o avanço da cidadania e abordagem sobre sociabilidade e direitos sociais.

O curso tinha a duração de dois anos (quatro semestres), com a seguinte matriz curricular interdisciplinar: oficina da palavra (português); matemática e música; processos tecnológicos (informática); cinegrafia; áudio e vídeo; filosofia; meio ambiente; história e cidadania; artes plásticas; grafite; solfejo (dicção); expressão corporal (dança, capoeira e teatro). O conceito-chave e o elemento principal e estruturante da Escola encontram-se nas disciplinas: música (teoria e prática) e percussão (leitura rítmica). O corpo funcional e a equipe pedagógica era formados por estagiários e monitores dos cursos de letras, comunicação, matemática, informática, história, dentre outros, existentes na *Universidade do Estado da Bahia* e por ex-alunos da EEPI, que atualmente se encontram inseridos em projetos sócio-governamentais, tais como o “*Pró-Jovem*”, o “*Segundo Tempo*” e o “*Ponto de Cultura*”.

Foi uma das grandes experiências da minha vida, nesses vinte anos de atividades, algumas centenas de pessoas participaram ou assistiram aos mais diferentes espetáculos e apresentações, onde se misturaram o repertório tradicional com o popular contemporâneo. A primeira turnê internacional da Escola Percussiva ocorreu na Espanha em 2008, nas cidades de Madrid (na *Casa da América*, com a presença do Embaixador brasileiro na Espanha, Sr. José Viegas); nos Carnavais de Calatayud e Cádiz e que contou como o precioso apoio da SEGIB. na Áustria em Salzburg e Viena.

Formamos três turmas com a chancela da UNEB, através da Pró-Reitora de Extensão, contando com o apoio dos Reitores, *Ivete Sacramento*, *Lourivaldo Valentin* e *Adriana Marmorì*. Diversos ex-alunos se destacaram e hoje se encontram em cursos universitários, a exemplo das Escolas de Música, Dança, Administração e Direito da UFBA e de Letras da UNEB. A grande maioria, pela capacitação profissional em função dos conhecimentos técnicos e operacionais adquiridos, está sobrevivendo das artes aqui em Salvador e na região metropolitana, a exemplo do percussionista multi-instrumentista *Baby da Banda Psirico*, *Dainho Xequerê*, o líder da *Orquestra de Berimbaus Obá DX*, e ainda a advogada e ativista *Laíse Araújo*. Alguns deles, devido à qualificação, correto desempenho das funções e reconhecimento do mérito, adentraram ao mercado de trabalho ou estão atuando profissionalmente em outros estados, a exemplo da Assessora Parlamentar na cidade de Aracaju/Sergipe e presidente da “*Amo ser Trans*” *Maluh Andrade*. em países europeus, como Bélgica, Itália, França e Inglaterra, tendo como exemplo: *Jorge Cipriano*, que vem atuando na ópera “*O Rei Leão*”, em Londres, *Tata Reis* em Torino na Itália, com o seu grupo de samba, *Folha Reis* na França, na cidade de Nantes, na associação CAVA MANIA.

Durante essa década e meia de existência, artistas consagrados e celebridades, todos amigos da escola, estiveram na sede ou chamaram os

alunos para participar de seus espetáculos, a exemplo de *Ivete Sangalo*, no show do *Pier Bahia* ocorrido em 2005. A atriz *Neuza Borges*, os compositores *Tonho Matéria*, *Lazzo*, *Denny*, *Márcio Vitor (Psirico)*, *Adelmo Casé*, *J. Veloso*, *Ninha*, *Tuzé de Abreu*, *Família Smetak*, *Jorge Zarath*, *Tato Lemos* e *Peu Meurray*; as cantoras *Carla Visi*, *Márcia Short*, *Margareth Menezes* e *Will Carvalho*; *Serginho*, vocalista da *Banda Adão Negro* e *Mestre Jackson* da *Banda do Pelô*; a quituteira *Dadá*, o educador e compositor *Jorge Portugal*; a apresentadora *Luzia Santana* (TV Salvador/TVE); o jornalista e ex-apresentador *Evaristo Costa* da *Rede Globo* (*Jornal Hoje*); os instrumentistas *Armandinho* e *André Macedo*; o *Bando de Tetro Olodum*; o ator *Jorge Washington*; o diretor teatral *Zebrinha*; o *Balé Folclórico da Bahia* e coreógrafo *Warney Junior*, dentre outros, contaram suas experiências de vida, servindo de referências para os alunos .

Confesso que era um trabalho de resistência e muita coragem, lutava todos os dias para combater a violência, preconceito e o racismo se não tivesse fé e o apoio dos amigos artistas em primeiro lugar, porque os políticos não compareceriam para fazer o seu papel. Também pedi ajuda aos jornalistas da cidade e tive a sorte durante esses anos de contar com emissoras televisivas locais (*TVE Bahia*, *TV ARATU*, *TV BAHIA*, *TV RECORD* e *TV BANDEIRANTES*). Comecei a fazer entrevistas e programas especiais em todos os jornais impressos locais (*A Tarde*, *Correio da Bahia* e *Tribuna da Bahia*), e usar o meu talento e a minha história de vida para que personalidades e autoridades visitassem a escola EEPI, contribuindo e ajudando os bairros e a circunvizinhança. A força tarefa do consultor das ações sociais *Roberto Correia Lima – BID* , juntamente com as autoridades, foi imprescindível para total sustentabilidade do projeto, *Roberto Correia* lutou bravamente com os nossos diretores pela cidadania desses jovens, Lamentavelmente, devido ao aumento da violência e da insegurança nos bairros circunvizinhos, assim como em toda a região metropolitana, alguns alunos evadiram-se, foram vítimas de acidentes de veículos ou do tráfico de drogas, que vem se alastrando no território dos bairros *Mata Escura* e *Tancredo Neves*. Com toda resistência o meu grande presente foi quando vi o reconhecimento da Escola nacionalmente e internacionalmente participando ou sendo entrevistado por variados programas televisivos, radiofônicos ou de mídia impressa e de comunicação de massa, como o *Jornal El Mundo* (Madrid/Espanha). Em termos televisivos, participei de Programas, a exemplo de: *Ação* (*Rede Globo* com *Serginho Groisman*); *Record News*; *TV Bandeirantes* (nacional) e da *TV Cultura* de São Paulo, entrevistado por *Evaristo Costa* da *TV GLOBO* (*Jornal Hoje*).

Em dezembro de 2004 gravei o meu terceiro disco “*O Tempo e a Maré*”, um disco autoral com composições próprias com vários ritmos regionais, como *embolada*, *maracatu*, *frevo*, *ijexá*, *funk*, *hip hop* e *samba de roda*, além da batida eletrônica da *Black Dance*. Durante o ano de 2005, fez a turnê do disco “*O Tempo e a Maré*” a convite da cantora *Margareth Menezes* na

Concha Acústica de Salvador, depois seguiu para a cidade de Maceió no *Teatro Teodoro*, no Japão na cidade de Okinawa, em Munique na Alemanha no *Festival Sommernachtstraum* no *Olympiapark*.

Comecei a viajar pelo mundo com vários projetos, uma sequência de shows e *workshop* foram crescendo a cada ano entre os anos 2007 e 2019, com muitas participações internacionais, shows, *workshops*, cursos e oficinas, sempre buscando novos caminhos musicais, mas também filosóficos e socioeducacionais que viessem a fortalecer meu grande projeto da *Escola Educação Percussiva Integral*, trabalhando paralelamente como músico, educador musical, compositor, formador e pensador.

Em outubro 2019 fiz a direção musical do *Shooting, Romeu e Julieta* de *William Shakespeare* no *Teatro Casa do Comércio* Salvador, ao lado do Diretor Artístico francês *Philippe Talard* e da primeira bailarina do *Teatro Municipal do Rio de Janeiro*, *Marcia Jaqueline*, juntamente com o *Abadá Capoeira*. No ano 2021, fui convidado pela Embaixada Brasileira no Uruguai, para fazer sua oficina “*Ritmo, Corpo e Movimento*” em escolas municipais para jovens de 12 a 16, no mês de novembro, e no *Teatro Solis* em Montevideú para estudantes de música e pesquisadores de ritmos brasileiros.

Em 2022 viajei para Flórida conduzir o *workshop* “*Ritmo, Corpo e Movimento*” em Miami, participei de shows musicais com o percussionista *Índio Jackson* e o grupo *Miamibloco*. Também realizei *workshop* na *Book High School* para estudantes de música, dança e teatro em Sarasota.

Finalmente, em 2023, estreei com o projeto “*Tambores em Cena*” na *Cidade da Música da Bahia*, com a participação dos mestres e maestrinas da percussão da Cidade de Salvador e convidados. Deste trabalho participaram, *Mestre Jackson, Jorjão Bafafé, Marco Lobo, Meia Noite, Gilberto Santiago, Icaro Sá, Tião Oliveira, Gustavo di Dalva, Adriana Portela, Diogo Neri, Walter Silva, Jaime Nascimento, Magary Lord, Alexandre Guedes, Bajara Carvalho, Anjo Caldas, Ivanzinho Paçapuco, Gerônimo Santana, Carla Visi, Sarajane, Markus Musk e o grupo Atabasabar, Transbatukada, Aloisio Menezes, Armandinho, Tonho Matéria, Nadinho do Congo, Ângelo Rafael, Jackson Costa, Serginho Nunes do Adão Negro, Negra Jhô, Coral Ecumênico da Bahia, Dão Black, Cicinho de Assis, Banda Didá, o grupo Samba de Roda Vida e Tradição, e o Afoxé Filhos do Congo.*

O reconhecimento vem de muitas lutas, desde os valores que recebemos de nossas famílias, o amor de nossos pais, os ensinamentos dos nossos professores, desde os primeiros anos de educação, até o presente com os nossos mentores, passando pelas trocas com amigos e cônjuges. Todos esses fatores impactam a forma como agimos e o quanto temos a contribuir com algo, mesmos com as dificuldades.

Esse olhar histórico compõe a trajetória artística e a carreira profissional de um percussionista e produtor negro que gozou desde muito cedo de um alto grau de inserção nas estruturas do mercado musical profissional através dos estudos e pesquisas como cantor, compositor,

instrumentista, tornando-se consultor musical na área da percussão, em torno dos ritmos e tambores nacionais e regionais, preferencialmente os nordestinos e da região norte do país. Nessa trajetória aprendi que nada chega as nossas vidas se não buscarmos a compreensão do que herdamos: a primeira é o dom, a segunda é a autoestima, e a terceira é a coragem. Por isso nada cai do céu, nem cairá se você não acreditar em si mesmo. Foi assim que a música se tornou minha principal ferramenta para honrar o passado, transformar o presente e abrir caminhos para o futuro, sempre com coragem, autoestima e a crença no poder transformador da arte.

Durante muitos anos da minha vida, ouvia essa pergunta: “*Wilson Café, o que você toca*”? Quando respondia “percussão”, a maioria das pessoas não sabia o que era. Quando explicava o meu ofício eles respondiam: “*Ah! Já sei, você bate tambor né? É batuqueiro?*” Ficava indignado com tamanha desinformação além do mais, elas riam de forma discriminatória, como se a profissão fosse algo sem importância no universo da música. Com o passar do tempo elas foram vendo um tocador de tambor crescendo, viajando com um grande desempenho na sua carreira e acompanhando grandes estrelas da MPB e do Mundo.

Tive a sorte de persistir até aqui, mas poderia facilmente ter desistido diante de tantos “nãos”. Essas negativas passaram a ser sinônimo de resistência, pois frases como “*Hoje não posso lhe atender*”, “*O Sr. Fulano não está*”, e “*Fica para a próxima*” são recorrentes quando não aceitamos dividir “a fatia do bolo”, ou nos submeter a parcerias exploratórias. Cresci ouvindo que o Brasil era um país sem preconceitos, uma narrativa mentirosa, propagada nos modelos educacionais nas redes de ensino, mas a verdade é bem diferente. O que ouvi dos mais velhos era: “*Só venceremos na vida com conhecimento*”.

Apesar de todo o conhecimento adquirido, o racismo e o preconceito continuam. Sinto-me privilegiado por ter alcançado os meus objetivos, e sei que, sem a educação e os valores familiares, eu não teria chegado até aqui. Foram inúmeras as barreiras impostas pela cor da minha pele. O desânimo nunca esteve presente no meu caminhar como criança, jovem e homem negro em um sistema que nos maltrata e mata. No entanto, observo a falta de interesse em discutir a importância histórica das pessoas e comunidades negras no tambor, especialmente nas escolas.

Através do tambor, a tradição se renova e se perpetua, provando que, apesar das adversidades, o som da resistência nunca se cala. É essa persistência que alimenta o espírito de luta e a esperança por uma sociedade mais justa, onde o reconhecimento e a valorização da cultura negra sejam plenos e incontestáveis. Do passado ao presente, a percussão baiana evoluiu imensamente graças à união e persistência dos mestres percussionistas. Mesmo sem o apoio de muitos, uma rede de mestres cresceu e fortaleceu-se ao redor do mundo, contribuindo para a nossa trajetória política, educacional, artística, financeira e epistemológica.

Hoje, sou educador, graduado em Filosofia, mestre em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras. Estudei em diversas disciplinas da UFBA, e como mestre do tambor, busquei na Educação a ferramenta para lutar e ajudar crianças e adolescentes em risco social e pessoal. Durante vinte anos mostrei ao mundo jovens negros e negras que chegaram à Graduação graças a essa iniciativa da *Escola de Educação Percussiva Integral* (EEPI).

Tornei-me voluntário em projetos sociais como o *Grupo Cultural Bagunçação*, para combater o racismo e o preconceito, protegendo das armadilhas do crime, das drogas e da prostituição. Foi uma das melhores experiências da minha vida. Eu não estava ali como *Wilson Café*, mas como um educador negro que retornou ao local onde tudo começou, no carnaval da década de 1970. Na minha memória coletiva, trazia a lembrança de um garoto que caminhava pelas palafitas da *Rua Direta do Uruguai*, no fim de linha dos alagados, para assistir às batucadas com os seus mestres. Anos depois, após meus estudos, voltei ao mesmo local nos alagados, onde reside o *Grupo Cultural Bagunçação*, para contar a minha história de vida de um garoto negro que acreditou e venceu.

Em suma, minha trajetória como Educador Social e Mestre do Tambor reflete o poder transformador que a Educação e a Cultura têm na vida de jovens negros em contextos de vulnerabilidade. Ao retornar às minhas origens, resgato não apenas as memórias e tradições que me formaram, mas também exerço um papel crucial na conscientização e no empoderamento de crianças e adolescentes, utilizando a música percussiva como ferramenta de inclusão social.

Minha história é prova de que a Arte, quando aliada à Educação, pode romper ciclos de exclusão e promover cidadania e dignidade às futuras gerações.

Sobre o Autor

Wilson Café é músico, cantor, compositor, percussionista baiano, graduado em Filosofia, Mestre em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras pela *Universidade do Estado da Bahia*. Idealizador e líder da *Escola de Educação Percussiva Integral* — EEPI. Desde 1995, vem desenvolvendo e participando ativamente de movimentos em defesa da música de raiz e das tradições populares de maneira técnica e responsável. Sua área prioritária de interesse é a pesquisa em torno dos mestres, maestrinas, ritmos e tambores na música afro-baiana. Com três discos gravados (*Batam Palmas*, *Coração de Tambor* e *O Tempo e a Maré*), há mais de 20 anos vem excursionando pelo Brasil e pelo mundo com o show *Samba Black Dance*, o projeto *Tambores em Cena* e o workshop *Ritmo, Corpo e Movimento*. Já trabalhou com grandes nomes da MPB e do cenário internacional, tais como: de *Maria Bethânia*, *Gal Costa*, *Elba Ramalho*, *Tânia Alves*, *Margareth*

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 2 (5): 223-255, 2024

Menezes, Armandinho Dodo & Osmar, Asa de Águia, Eberhard Shoener, Eugênio Barba e Philipe Talard.